

A VERDADE SOBRE O CRISTIANISMO

A VERDADE SOBRE O CRISTIANISMO

Por que a religião criada
por Jesus é moderna,
fascinante e inquestionável

Dinesh D'Souza

Traduzido por **Valéria Lamim Delgado Fernandes**



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro – 2008

Título original: *What's so great about Christianity*

Copyright © 2007 por Dinesh D'Souza
Edição original por Regnery Publishing. Todos os direitos reservados.
Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2008.

Supervisão Editorial
Nataniel dos Santos Gomes
Assistente Editorial
Clarisse de Athayde Costa Cintra
Tradução
Valéria Lamim Delgado Fernandes
Capa
Douglas Lucas
Copidesque
Joel Macedo
Revisão
Margarida Seltmann
Cristina Loureiro de Sá
Joanna Barrão Ferreira
Projeto gráfico e diagramação
Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D865o

D'Souza, Dinesh, 1961-

A verdade sobre o Cristianismo: por que a religião criada por Jesus é moderna, fascinante e inquestionável/Dinesh D'Souza; [tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Tradução de: *What's so great about Christianity*
ISBN 978-85-6030-379-3

1. Cristianismo - Essência, natureza, etc. I. Título.

08-1433.

CDD: 230

CDU: 23

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso
Rio de Janeiro — RJ — CEP 21402-325
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313
www.thomasnelson.com.br

PARA BRUCE SCHOOLEY, acometido por um câncer,
que encontrou em Jesus Cristo a cura para a morte.

Sumário

Nota sobre a interpretação das Escrituras 11

Prefácio

Um desafio a cristãos e não-cristãos 13

1ª parte: O futuro do Cristianismo

Capítulo 1

O crepúsculo do ateísmo: A vitória mundial do Cristianismo 21

Capítulo 2

A sobrevivência do sagrado: Por que a religião está vencendo? 33

Capítulo 3

Deus não é grande: O ataque ateísta à religião 41

Capítulo 4

Educando mal os jovens: Salvando as crianças de seus pais 51

2ª parte: O Cristianismo e o Ocidente

Capítulo 5

Dêem a César: A base espiritual do governo limitado 61

Capítulo 6

O mal que eu não queria: O Cristianismo e a falibilidade humana 76

Capítulo 7 <i>Criados iguais: A origem da dignidade humana</i>	89
--	----

3ª parte: O Cristianismo e a ciência

Capítulo 8 <i>O Cristianismo e a razão: As raízes teológicas da ciência</i>	105
---	-----

Capítulo 9 <i>Do logos ao cosmos: O Cristianismo e a invenção da invenção</i>	113
---	-----

Capítulo 10 <i>Uma fábula ateísta: Reabrindo o caso Galileu</i>	123
---	-----

4ª parte: O argumento do design

Capítulo 11 <i>Um Universo com um começo: Deus e os astrônomos</i>	137
--	-----

Capítulo 12 <i>Um planeta projetado: O lugar especial do homem na criação</i>	151
---	-----

Capítulo 13 <i>Paley estava certo: A evolução e o argumento do design</i>	163
---	-----

Capítulo 14 <i>O problema do Gênesis: O ateísmo metodológico da ciência</i>	180
---	-----

5ª parte: O Cristianismo e a filosofia

Capítulo 15 <i>O mundo além de nossos sentidos: Kant e os limites da razão</i>	193
--	-----

Capítulo 16 <i>No ventre de um grande peixe: Por que os milagres são possíveis?</i>	206
---	-----

Capítulo 17 <i>A aposta de um cético: Pascal e a racionalidade da fé</i>	218
--	-----

6ª parte: O Cristianismo e o sofrimento

Capítulo 18	
<i>Repensando a Inquisição: Os crimes exagerados da religião</i>	231
Capítulo 19	
<i>Licença para matar: O ateísmo e os genocídios da história</i>	241

7ª parte: O Cristianismo e a moralidade

Capítulo 20	
<i>A lei natural e a lei divina: Os fundamentos objetivos da moralidade</i>	255
Capítulo 21	
<i>O fantasma na máquina: Por que o homem é mais do que matéria?</i>	270
Capítulo 22	
<i>O “eu” imperial: Quando o “eu” se torna o árbitro da moralidade</i>	283
Capítulo 23	
<i>O ópio dos moralmente corruptos: Por que a descrença é tão atraente?</i>	293
Capítulo 24	
<i>O problema do mal: Onde está o ateísmo quando o mal nos sobrevém?</i>	306

8ª parte: O Cristianismo e você

Capítulo 25	
<i>Jesus entre outros deuses: A singularidade do Cristianismo</i>	317
Capítulo 26	
<i>Um antegoço da eternidade: Como o Cristianismo pode mudar sua vida</i>	327
<i>Agradecimentos</i>	341
<i>Notas</i>	343

NOTA SOBRE A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

Neste livro, a Bíblia é lida de forma tradicional — ou seja, com o objetivo de descobrir suas afirmações e significados. Não se trata de literalismo bíblico. Um dos primeiros literalistas foi Orígenes, pai da Igreja, quando leu em Mateus 19:12 que havia alguns que se faziam “eunucos por causa do Reino dos céus”. Levando a passagem ao pé da letra, Orígenes prontamente se castrou. Não tenho conhecimento de algum literalista moderno que tenha se submetido à faca dessa forma.

A Bíblia, no entanto, usa uma série de técnicas literárias. É composta de narrativas simples, como os relatos dos evangelhos sobre a vida de Cristo. É composta de parábolas, como nas histórias contadas por Jesus para ilustrar uma questão moral. Inclui também um sem-número de metáforas, como quando Jesus diz: “Eu sou a videira; vocês são os ramos” ou quando afirma a seus acusadores: “Sou capaz de destruir o santuário de Deus e reconstruí-lo em três dias.” (Acharam que ele estava se expressando literalmente, embora estivesse se referindo à sua ressurreição corporal.) Isaías 55:12 também só faz sentido como metáfora, ao descrever os montes e as colinas irrompendo em canto e as árvores batendo palmas. Era comum

entre os pais da Igreja a compreensão de que as Escrituras agiam em vários níveis. A narrativa de Êxodo, por exemplo, era lida tanto como uma descrição de eventos reais quanto como uma figura de libertação espiritual. (É desta maneira que os escravos afro-americanos a entenderam, e a esperança ajudou a sustentar muitos deles durante a noite escura da escravidão.) Assim, rejeito o literalismo bruto. Mas, de igual modo, rejeito a visão que se refugia no extremo oposto, segundo a qual deveríamos ler a Bíblia através das lentes de suposições seculares contemporâneas. Há quem pleiteie a rejeição de trechos das Escrituras que, segundo seu entendimento, são sujeitos a objeções, defendendo a aceitação somente daquilo que vai segundo seu gosto pessoal. Isso é “Cristianismo *self-service*”, e é pior que o literalismo. Pelo menos, o literalista está tentando aprender com as Escrituras. O cristão *self-service* termina por projetar sobre o texto seus próprios preconceitos.

Minha leitura não é literal nem liberal, mas, em vez disso, contextual. Somente examinando o texto em relação ao todo é que podemos descobrir como um período e/ou uma passagem em particular são compreendidos da melhor forma. Isso ficará claro à medida que analisarmos a linha de raciocínio do livro. Neste momento, estabeleçamos um princípio operacional bastante simples: considerando ou não a Bíblia como um livro inspirado, leia sempre o texto no contexto para captar de fato seus significados.

PREFÁCIO

Um desafio a cristãos e não-cristãos

Os cristãos são chamados a “lutar” por sua fé. Esse termo sugere que devem estar prontos para defender suas convicções e que irão enfrentar oposição. A primeira carta de Pedro 3:15 diz aos cristãos: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês.” Mas, para dar razões, você deve, primeiro, conhecer aquilo em que crê, em seguida, saber por que crê; e, finalmente, ser capaz de expressar essas razões para aqueles que não compartilham sua fé. Em suma, deve compreender o que há no Cristianismo de tão surpreendente.

Esta é a arena na qual muitos cristãos falham. Hoje, sabe-se que a presença de Deus não é mais algo incontornável como em sociedades mais antigas. O Cristianismo não mais molda a base moral da sociedade. Vivemos em comunidades seculares, nas quais argumentos extraídos da Bíblia ou da revelação cristã não têm peso algum, nas quais se fala uma linguagem diferente daquela utilizada na igreja.

Em vez de se engajar no mundo secular, a maioria dos cristãos optou pela solução mais fácil, refugiando-se em uma espécie de

subcultura cristã na qual se envolvem com assuntos cristãos, para depois retornar à sociedade secular, na qual seu Cristianismo é mantido longe dos olhos até o próximo culto na igreja. Sem perceberem, os cristãos tornaram-se uma espécie de pós-modernistas: vivem de acordo com o evangelho das duas verdades. Há a verdade religiosa, reservada para os domingos e dias de adoração, e há a verdade secular, que se aplica ao restante do tempo.

Este estilo de vida segmentado é contrário ao que a Bíblia ensina. A Bíblia diz aos cristãos para não serem *do* mundo, participando de suas prioridades distorcidas, mas pede aos cristãos que estejam *no* mundo, totalmente engajados. Muitos cristãos renunciaram a essa missão, buscando um *modus vivendi* viável e confortável no qual concordam em deixar o mundo secular em paz se o mundo secular concordar em deixá-los em paz. O biólogo Stephen Jay Gould propôs os termos desse trato entre os mundos secular e religioso ao afirmar que a sociedade secular baseia-se na razão e decide questões práticas, enquanto os religiosos baseiam-se na fé e decidem questões relacionadas a valores.¹ Muitos cristãos vêem esta distinção com alívio. Desse modo, podem permanecer imersos em sua subcultura e agradar a todos.

Mas um grupo de notáveis ateus — muitos deles biólogos evolucionários — iniciou um forte ataque público à religião em geral e ao Cristianismo em particular, sem a preocupação de agradar ninguém. Uma nova série de livros anti-religiosos — *Deus, um delírio*, *The End of Faith* [O fim da fé], *Deus não é grande* e assim por diante — passou a integrar debates públicos. Esses ateus rejeitam a solução de Gould. Segundo eles, uma visão religiosa faz afirmações específicas sobre a realidade: existe um Deus, existe vida após a morte, milagres acontecem e assim por diante. Seja agnóstico ou ateu, você tem uma compreensão muito diferente da realidade, uma compreensão que é formada talvez por uma visão científica ou racionalista. O argumento dos ateus é que ambas as visões da realidade não podem estar simultaneamente corretas. Se uma for verdadeira, então a outra é falsa.

Os ateus têm razão nesse ponto: não existem duas verdades ou várias verdades; existe uma única verdade. Ou o Universo é um sistema completamente fechado e os milagres são impossíveis ou o Universo não é um sistema fechado e existe a possibilidade de intervenção divina nele. Ou o *Big Bang* foi o produto da criação sobrenatural ou teve uma causa puramente natural. Em um sentido mais amplo, ou a visão religiosa da realidade está correta ou a visão secular está correta. (Ou ambas estão erradas.) Até aqui os ateus vêm fazendo críticas severas aos cristãos e os cristãos vêm correndo à procura de abrigo. É como bater palmas com uma mão só. Alguns pastores têm enfrentado o desafio dos ateus, mas, em geral, não têm tido sorte: afinal, estão acostumados a cuidar de congregações que aceitam premissas cristãs. Não têm o hábito de lidar com agressores exímios que chamam o Deus cristão de assassino e tirano e rejeitam a autoridade da Bíblia para não adjudicarem nada.

Para os cristãos, este não é o momento de oferecer a outra face, mas sim de expulsar os cambistas do templo. Os ateus não querem mais simplesmente ser tolerados. Querem monopolizar a praça pública e expulsar dela os cristãos. Querem que questões políticas como aborto sejam dissociadas de afirmações religiosas e morais. Querem controlar o currículo escolar para que possam promover uma ideologia secular e minar o Cristianismo. Querem infamar as alegações factuais da religião e convencer o restante da sociedade de que o Cristianismo não só está equivocado, mas também é mau. Culpam a religião pelos crimes da história e pelos contínuos e atuais conflitos no mundo. Em suma, querem fazer com que a religião — e especialmente a religião cristã — desapareça da face da terra.

A Bíblia em Mateus 5:13,14 chama os cristãos a serem o “sal da terra” e a “luz do mundo”. Os cristãos são chamados a transformar o mundo em um lugar melhor. Hoje, isso significa um confronto ao desafio do secularismo e do ateísmo moderno. Este livro oferece uma caixa de ferramentas para os cristãos aceitarem esse desafio. O Cristianismo defendido aqui não é o “fundamentalismo”, mas, em vez disso, o Cristianismo tradicional, o que C. S. Lewis chamou de

“Cristianismo puro e simples”, o denominador comum de crenças entre protestantes e católicos. Esse Cristianismo é o verdadeiro alvo dos ataques seculares.

Escrevi este livro não só para cristãos, mas também para não-cristãos. Há muitos empenhados em uma busca verdadeira. Percebem que existe algo por aí que oferece um embasamento e uma explicação melhor para suas questões mais profundas, mas esse algo lhes escapa. Sentem a necessidade de um maior senso de propósito em sua vida, mas não sabem ao certo onde encontrá-lo. Mesmo que tenham ouvido falar sobre Deus e o Cristianismo, não conseguem conciliar fé religiosa com razão e ciência; a fé parece irracional e, portanto, insustentável. Além disso, temem que a religião tenha sido — e possa ser — uma fonte prejudicial de intolerância e fanatismo, como foi evidenciado pelos motivos dos terroristas de 11 de setembro. Todas essas são preocupações razoáveis, e eu as discuto de forma direta neste livro.

Este também é um livro para ateus ou, pelo menos, para aqueles ateus que aceitam de bom grado um desafio. Os ateus têm se saído com a melhor no debate público exatamente porque os cristãos, em geral, abaixam a cabeça e correm. Os argumentos ateus, em grande parte, têm permanecido sem resposta. Eles vêm açoitando a carcaça do “fundamentalismo” sem ter de enfrentar o coice de um Cristianismo tradicional vigoroso. Creio que, se forem racionalistas genuínos, os ateus devem aceitar bem este livro, que pode ser descrito como um esforço no sentido de lidar com os argumentos ateístas segundo suas próprias condições. Em nenhum trecho deste livro aceito o Cristianismo sem discutir. Meu *modus operandi* consiste no ceticismo, ao tomar as afirmações da religião da mesma forma imparcial com que veríamos afirmações de qualquer outra natureza. A diferença entre mim e meus oponentes ateus é que sou cético não só quanto às afirmações supostamente irracionais da religião, mas também quanto às afirmações irracionais feitas em nome da ciência e do próprio ceticismo.

Em contrapartida aos argumentos anti-religiosos de ateus notáveis como Richard Dawkins, Sam Harris, Christopher Hitchens e outros, neste livro demonstrarei o seguinte:

1. O Cristianismo é o principal fundamento da civilização ocidental, a raiz de nossos valores mais estimados.
2. As descobertas mais recentes da ciência moderna sustentam a afirmação cristã de que existe um ser divino que criou o Universo.
3. A teoria da evolução de Darwin, longe de minar a evidência do *design* sobrenatural, na verdade a fortalece.
4. Não existe nada na ciência que torne os milagres impossíveis.
5. É aceitável ter fé.
6. O ateísmo, e não a religião, é responsável pelos genocídios da história.
7. O ateísmo não é motivado pela razão, mas por um tipo de escapismo moral covarde.

Concluo este livro mostrando o que é ímpar no Cristianismo e como nossa vida muda se nós nos tornamos cristãos.

Se eu puder me dirigir ao não-cristão por um instante, espero que você não leia este livro simplesmente como um exercício intelectual. Aqui são discutidos problemas práticos que todos enfrentamos na vida. Você, como muitos cristãos, vive em um mundo todo segmentado. Você é, eu desconfio, darwinista em sua ciência e antidarwinista em seus princípios morais. Você respeita a ciência e a razão, mas se pergunta se elas lhe dão pleno conhecimento do mundo. Você é um racionalista no trabalho e um romântico em sua vida pessoal. Você embarcou na busca da felicidade há muito tempo; você já se perguntou por que não a encontrou? Até quando você pretende continuar em busca da felicidade — uma busca que, em si, não é nada feliz? As sociedades mais antigas tiveram muito menos e se sentiram fartas; por que você, em meio à fartura, continua a experimentar uma

PREFÁCIO

opressiva escassez? Sem dúvida, você, como o cristão, sabe que, toda vez que respira, isso frustra a morte. É claro que a morte é algo para o qual você deve se preparar, mas você já se preparou? A morte obriga você a fazer uma escolha da qual não pode escapar. Você deve escolher Deus ou rejeitá-lo, porque, ao morrer, todas as abstenções são consideradas votos “contra”. Por isso, se você estiver se perguntando se este livro é um convite à conversão, acertou. Espero que você o leia como se sua vida dependesse dele, porque isso pode ser verdade.

1ª PARTE

O futuro do Cristianismo

CAPÍTULO 1

O crepúsculo do ateísmo: A vitória mundial do Cristianismo

“A era do Cristianismo ocidental já passou, no espaço de nossa vida, e está despontando o dia do Cristianismo meridional.”¹

— Philip Jenkins, *A próxima cristandade*

Deus ressuscitou. O mundo está testemunhando uma grande explosão de conversão e crescimento da religião, e o Cristianismo está crescendo mais rápido do que qualquer outra religião. A declaração de Nietzsche, “Deus está morto”, agora provou ser falsa. Nietzsche está morto. Como parte da população mundial, os grupos de não-cristãos estão diminuindo. O secularismo perdeu a identificação com o progresso e a modernidade, e, conseqüentemente, perdeu a principal fonte de seu apelo. Deus está muito mais vivo e, ao que parece, suas expectativas para o futuro são excelentes. Esta é a maior surpresa do século XXI.

Mas, se Deus está de volta, por que não testemunhamos o fato? A razão é que muitos de nós moram no bairro errado. “Vá a uma igreja em um domingo desses”, escreve Brent Staples no *New York Times*, “e você provavelmente encontrará algumas dezenas de pessoas

espalhadas por um templo construído para acomodar centenas ou até milhares delas.” Sim, tenho visto os “bancos vazios e os membros de cabelos brancos” que Staples descreve.² Mas, por outro lado, Staples mora em Nova York, e eu, na Califórnia. Vivemos entre pessoas que são praticamente atéias.

Sem dúvida, meus vizinhos não se consideram ateus. Pouquíssimos pertencem a organizações ateístas ou assinam revistas do gênero. Alguns deles que são cultos gostam de se considerar agnósticos: não se decidiram porque ainda não encontraram evidências. Outros até se consideram cristãos, ou porque nasceram assim ou porque vão à igreja de vez em quando. O que distingue essas pessoas é que elas vivem como se Deus não existisse. Deus não faz diferença na vida delas. Esse é o “ateísmo prático”. Todos conhecemos pessoas assim. Alguns de nós dificilmente conhecem alguém que não seja assim. E às vezes nós mesmos levamos esse tipo de vida.

Se vivemos no bairro errado, corremos o risco de perder o acontecimento mais importante de nosso tempo: o renascimento global da religião em todos os continentes. Na Índia, país em que nasci, o Hinduísmo está ressurgindo. Isso também está acontecendo com o Islamismo. Por eu ter escrito sobre o terrorismo e o radicalismo islâmico, muitas vezes me perguntam: “Quando os muçulmanos vão entender a importância do secularismo? Quando veremos a reforma islâmica?” Minha resposta é que os muçulmanos nunca entenderão a importância do secularismo. Eles nem precisam entendê-lo, pois, como veremos, o secularismo é cada vez menos importante como fenômeno global. Além disso, o Islamismo *está* no meio de uma reforma. Vemos o renascimento da devoção muçulmana não somente no Oriente Médio, mas também na Indonésia, Malásia, Bangladesh, Turquia e África Oriental. Antigamente, a Turquia oferecia um modelo de secularismo islâmico, mas não oferece mais. Nenhum país muçulmano vai na mesma direção da Turquia, e, nos últimos anos, até a Turquia deixou de seguir seu próprio caminho.

Alguns analistas ocidentais descrevem os renascimentos religiosos em todo o mundo sob o aspecto do crescimento do “fun-

damentalismo”. Essa é a falácia do etnocentrismo, que consiste em ver o mundo pelas lentes dos preconceitos que cultivamos em nosso próprio país. Lembre-se de que *fundamentalismo* é um termo extraído do Cristianismo protestante. É um neologismo norte-americano que se refere ao grupo de primeiros ativistas protestantes do século XX que se organizou contra a evolução darwiniana e que defendia a leitura literal da Bíblia. Fundamentalismo é um termo sem sentido fora desse contexto.

Sem dúvida, existem militantes hindus e radicais islâmicos da estirpe de Bin Laden, e eles de fato são uma ameaça para o mundo. Mas a expansão da militância religiosa e o crescimento da religião são muito diferentes. Uma talvez procure se beneficiar com a outra, mas as duas não devem ser confundidas. O ressurgimento de que trato aqui é a revitalização global da religião tradicional. Ou seja: Hinduísmo tradicional, Islamismo tradicional e Cristianismo tradicional. Com “tradicional” refiro-me à religião como foi entendida e praticada ao longo dos séculos. Esse é o tipo de religião que está se expandindo.

A religião tradicional é a corrente mais importante, mas não é a única forma pela qual a religião se manifesta hoje. Há também a religião liberal. Praticamente não se pode falar de Islamismo liberal, uma vez que liberalismo, em essência, é uma força inexistente no mundo muçulmano. Mas há judeus liberais, cuja judeidade parece, de modo geral, ser apenas uma questão de memória histórica e hábitos culturais. Aqui, no Ocidente, há muitos cristãos liberais. Alguns deles assumiram uma espécie de missão contrária: em vez de serem os missionários da Igreja para o mundo, eles se tornaram os missionários do mundo para a Igreja. Dedicam suas energias morais à tentativa de tornar a Igreja mais democrática, para garantir direitos iguais para as mulheres, para legalizar o casamento homossexual, e coisas do tipo. Um segmento pequeno, mas influente, do Cristianismo liberal rejeita todas as doutrinas fundamentais do Cristianismo. H. Richard Niebuhr resumiu de modo notável o credo desse segmento: “Um Deus sem ira levou um homem sem pecado a um reino sem julgamento por meio das ministrações de um Cristo sem uma cruz.”³

Conheci cristãos liberais que são pessoas boas e sinceras. Contudo, sua versão de Cristianismo está em declínio, em dois sentidos. Os cristãos liberais são bem conhecidos por conceder terreno intelectual e moral aos adversários do Cristianismo, com afirmações do tipo: “Concordo, ninguém que seja racional, hoje, pode acreditar em milagres, mas...”; “É verdade, o Deus do Antigo Testamento parece um sujeito poderoso e vingativo, mas...”; “Não há dúvida de que a religião é responsável por grande parte do conflito e opressão na história, mas...”.

Esse Cristianismo do “sim, mas”, em plena retratação intelectual, também está se tornando menos relevante. As igrejas liberais estão perdendo membros aos montes. Antes essas igrejas acolhiam um em cada seis norte-americanos; agora, alcançam um em cada trinta. Em 1960, a Igreja Presbiteriana tinha 4,2 milhões de membros; agora tem 2,4 milhões. A Igreja Episcopal tinha 3,4 milhões; agora tem 2,3 milhões. A Igreja Unida de Cristo tinha 2,2 milhões; agora tem 1,3 milhão.⁴ Os cristãos tradicionais que ainda estão em igrejas liberais estão cada vez mais alienados. Alguns ficaram tão desgostosos que se colocam sob a autoridade de clérigos mais tradicionais, vindos de países como Nigéria, Gana e Costa do Marfim.

Infelizmente, os temas centrais de algumas igrejas liberais não podem ser distinguidos daqueles da União Americana de Liberdades Civis, da Organização Nacional pelas Mulheres e dos movimentos pelos direitos homossexuais. Por que ouvir os sermões monótonos do bispo episcopal John Shelby Spong quando você pode se deparar com a mesma mensagem, acompanhada de “ilustrações” muito mais interessantes, na parada do orgulho gay de San Francisco? As igrejas tradicionais, não as igrejas liberais, estão em pleno desenvolvimento nos Estados Unidos. Em 1960, por exemplo, as igrejas afiliadas à Convenção Batista do Sul contavam com 8,7 milhões de membros. Agora elas têm 16,4 milhões.⁵

O crescimento da religião tradicional e o declínio da religião liberal são dados difíceis quando se parte de um modo convencional de entender as tendências religiosas. O pensamento secular se funda

na idéia de que, como resultado inevitável da ciência, da razão, do progresso e da modernização, o Ocidente continuará a se secularizar cada vez mais, seguido pelo restante do mundo. Os expoentes que mais confiam na secularização acreditam, como afirma Peter Berger, que, “por fim, os mulás iranianos, os pregadores pentecostais e os lamas tibetanos irão pensar e agir como professores de literatura nas universidades norte-americanas”.⁶

Durante boa parte do século passado, essa narrativa da secularização parecia plausível. Não-religiosos acreditavam nisso e se regozijavam, enquanto religiosos acreditavam nisso e se lamentavam. Agora, porém, essa tese se encontra em cheque. Se a secularização fosse um processo inexorável, as pessoas religiosas deveriam estar hoje menos religiosas e, com isso, as igrejas conservadoras deveriam diminuir e as liberais, crescer. Na verdade, o que tem acontecido é o contrário.

Alguns estudiosos apontam para o fenômeno como apenas uma “reação” contra a secularização, mas isso só gera outra pergunta: “O que está provocando essa reação adversa?” A tese da secularização se baseava na suposição de que ciência e modernidade satisfariam os impulsos e necessidades antes atendidos pela religião. Mas a rebelião contra a secularização sugere que necessidades talvez importantes ainda não tenham sido supridas e, por isso, as pessoas estão buscando um reavivamento da religião — talvez sob nova forma — à qual dirigir suas preocupações específicas dentro de uma sociedade secular.

Sem dúvida, a tese da secularização não é totalmente inválida. Na Europa, na Austrália e no Canadá, a religião foi expurgada dos holofotes culturais, tendo sido relegada a um fenômeno turístico: quando você vai a Chartres e Cantuária, os guias discorrem sobre arquitetura e história da arte, silenciando sobre aquilo em que as pessoas que criaram aquelas obras-primas de fato acreditavam. Segundo a pesquisa European Values Survey, o número de frequentadores regulares de igrejas, dependendo do país, está entre 10% a 25% da população. Somente um em cada cinco europeus diz que a religião é

importante na vida. O presidente tcheco Vaclav Havel, com precisão, descreveu a Europa como “a primeira civilização ateísta na história da humanidade”.⁷

O quadro religioso da Europa não é de todo desalentador. Noventa por cento dos gregos reconhecem a existência de Deus, e somente 5% dos gregos são ateus. Na Irlanda, aproximadamente 45% da população freqüentam a igreja, duas vezes mais que o continente como um todo, embora o catolicismo na Irlanda também tenha enfraquecido nas últimas décadas. Além da Irlanda, a Polônia e a Eslováquia são dois dos países mais religiosos na Europa.⁸ Alguns comentaristas observaram que até os europeus que não são religiosos continuam a se descrever como “espirituais”. Esses analistas afirmam que a Europa não abandonou a religião em geral, mas somente a religião “organizada”.

Mas, se a Europa de modo geral parece confirmar a tese da secularização, os Estados Unidos apresentam um caso muito mais problemático. O fato é que os Estados Unidos não seguem os passos da Europa. É verdade que a freqüência à igreja nesse país diminuiu nas últimas três décadas. No entanto, hoje, cerca de 40% dos norte-americanos dizem freqüentar a igreja aos domingos. Mais de 90% dos norte-americanos acreditam em Deus, e 60% afirmam que sua fé lhes é importante. Analisando os dados sobre religião, Paul Bloom escreve na revista *Atlantic Monthly* que “bem mais da metade dos norte-americanos acredita em milagres, no diabo e em anjos. A maioria dos norte-americanos acredita que, após a morte, eles de fato se reúnem com parentes e vão ao encontro de Deus”.⁹ Tudo isso representa uma séria dificuldade para a tese da secularização, porque os Estados Unidos estão na vanguarda da modernidade. A tese diria de antemão que os Estados Unidos são a sociedade mais secular do mundo. Na verdade, os Estados Unidos são o país mais religioso do mundo ocidental.

Porém, o fato que mais contraria a teoria da secularização é o que confirma que, em uma era de crescente globalização e modernização, o mundo como um todo está ficando mais — e não menos —

religioso. Em pesquisa recente, Pippa Norris e Ron Inglehart resumiram a questão ao escrever que, a despeito do avanço da secularização no Ocidente, “no mundo como um todo agora há mais pessoas com visões religiosas tradicionais do que antes, e elas constituem parte progressivamente maior da população mundial”. Conseqüentemente, o Ocidente está mais secular, mas “o mundo como um todo está se tornando mais religioso”.¹⁰

Ainda mais notável é que o reavivamento religioso está ocorrendo em lugares que estão se modernizando rapidamente. China e Índia, hoje, têm as taxas de crescimento mais rápidas do mundo, e a religião está florescendo nos dois lugares. A Turquia é um dos países muçulmanos mais modernos, e o Islamismo tem ganhado muita força ali. Nas Américas Central e do Sul, as classes ascendentes estão abraçando o Cristianismo pentecostal.

O alcance global da cultura norte-americana, com os valores seculares que carrega, parece não ter detido, e nem mesmo diminuído, o surto religioso. A razão é que muitas culturas não-ocidentais estão resistindo ativamente ao secularismo. Um *slogan* comum na Ásia, hoje, é “modernização sem ocidentalização”. Muitos desejam a prosperidade e a tecnologia norte-americanas, mas querem usá-las para preservar e fortalecer seu modo de vida tradicional. Desejam viver em um mundo de múltiplas modernidades.

Lemos com frequência que o Islamismo é a religião com crescimento mais acelerado. Não é verdade. O Cristianismo é a religião que cresce mais rápido no mundo hoje. O Islamismo é a segunda. Embora o Islamismo cresça principalmente por meio da reprodução — o que significa dizer que muçulmanos têm famílias grandes —, o Cristianismo propaga-se pela rápida conversão e também pelo aumento natural. O Islamismo tornou-se a religião com crescimento mais rápido na Europa, a qual foi, por mais de mil anos, o berço do Cristianismo. O escritor católico Hilaire Belloc escreveu em 1920 que “a fé é a Europa, e a Europa é a fé”. Belloc estava convencido de que o futuro do Cristianismo estava na Europa.

Ironicamente, enquanto a Europa tem se afastado do Cristia-

nismo, a religião cristã vem aumentando sua influência nas Américas Central e do Sul, na África e na Ásia. Pela primeira vez na história, o Cristianismo tornou-se uma religião universal. É, na verdade, a única religião com um alcance global. O Budismo e o Islamismo, como o Cristianismo, são religiões com aspirações globais, mas essas aspirações não foram concretizadas. O Budismo nunca se estabeleceu nem mesmo na Índia, a terra em que foi fundado, embora tenha encontrado adeptos nas culturas da Ásia Meridional e Oriental. Embora possua alguns seguidores no Ocidente, o Budismo ainda é uma religião com, no máximo, um impacto regional. O Islamismo é amplamente mais forte, mas até o Islamismo é regional, com pouca ou nenhuma influência nos Estados Unidos, Canadá, Américas Central e do Sul ou Austrália. Em contrapartida, o Cristianismo é uma força em cada continente e em cada região importante do mundo, com a única exceção do coração do Islamismo, o Oriente Médio.

O novo rosto do Cristianismo não é mais branco e loiro, mas amarelo, negro e pardo. “Se quisermos visualizar um cristão contemporâneo típico”, escreve Philip Jenkins em *A próxima cristandade*, “deveríamos pensar em uma habitante de uma aldeia da Nigéria ou em uma favela do Brasil”. Os centros vitais do Cristianismo, hoje, não são mais Genebra, Roma, Paris ou Londres. São Buenos Aires, Manila, Kinshasa e Adis-Abeba. “A era do Cristianismo ocidental já passou, no espaço de nossa vida”, observa Jenkins, “e está despontando o dia do Cristianismo meridional.”¹¹

Em 1900, mais de 80% dos cristãos viviam na Europa e nos Estados Unidos. Hoje, 60% vivem nos países em desenvolvimento. Mais de dois de cada três cristãos evangélicos agora vivem na Ásia, África e América do Sul. Aqui estão alguns números apresentados por Jenkins: na Europa, hoje, há 560 milhões de cristãos e nos Estados Unidos 260 milhões, mas muitos são cristãos apenas nominais. Em comparação, há 480 milhões de cristãos na América do Sul, 313 milhões na Ásia e 360 milhões na África. A grande maioria desses cristãos é praticante. Há mais presbiterianos membros de igrejas em Gana do que na Escócia.

Por incrível que pareça, tal crescimento ocorreu após o fim da conquista e colonização européias. Os sujeitos antigos com elmos de conquistadores há muito se foram, mas a fé que chegou com eles permaneceu e agora prospera sem eles. É como nos primórdios do Cristianismo. Após a conversão de Constantino e a proclamação do Cristianismo como religião do Estado por Teodósio quase no final do século IV, o Cristianismo foi carregado pelo império romano. Contudo, a fé espalhou-se mais rapidamente após a queda desse império, e logo toda a Europa era cristã. Estamos testemunhando um ritmo comparável de crescimento do Cristianismo no restante do mundo.

Um século atrás, menos de 10% da África era cristã. Hoje, esse total é de quase 50% — um aumento de dez milhões, em 1900, para mais de 350 milhões, hoje. Só a Uganda conta com quase vinte milhões de cristãos e estima-se que terá cinquenta milhões em meados do século.¹² Algumas congregações africanas se tornaram tão grandes que está faltando espaço em suas igrejas. Enquanto os pregadores ocidentais normalmente imploram às pessoas que venham à igreja aos domingos para ocupar os bancos, alguns pregadores africanos pedem a seus membros que se limitem a participar dos cultos a todo segundo ou terceiro domingo, a fim de darem oportunidade para que outros ouçam a mensagem.

As Américas Central e do Sul estão testemunhando o crescimento explosivo do pentecostalismo. Como mostra David Martin em seu estudo *Tongues of Fire* [Línguas de fogo], esta é uma tendência parcial dentro do Cristianismo: milhões de católicos sul-americanos tornaram-se protestantes evangélicos.¹³ No Brasil, por exemplo, existem agora cinquenta milhões de evangélicos protestantes, enquanto, há algumas décadas, não havia número suficiente para ser contado. No entanto, o movimento de católicos para o evangelicalismo protestante não deveria ser considerado mera troca de posições, uma vez que a conversão do laicato nominal católico a um evangelicalismo ativo e cheio de energia pode talvez ser considerada um ganho líquido para o Cristianismo. Mesmo dentro do catolicismo existe um

movimento carismático que tem crescido em resposta ao êxito dos evangélicos protestantes. Esse catolicismo carismático enfatiza muitos dos mesmos temas que o Cristianismo dos “nascidos de novo”, incluindo um relacionamento pessoal com Cristo. E os números católicos continuam grandes: no Brasil, havia cinquenta milhões de católicos em 1950, mas agora há 120 milhões.

A despeito das limitações impostas pelo governo chinês, estima-se que existam, agora, cem milhões de cristãos na China que adoram em igrejas subterrâneas, evangélicas e católicas. Considerando as taxas atuais de crescimento, David Aikman observa, em seu livro *Jesus in Beijing* [Jesus em Pequim], que a China se tornará em algumas décadas o maior país cristão do mundo.¹⁴ Na Coreia, onde os cristãos já ultrapassam o número de budistas, há inúmeras megagregas com mais de dez mil membros cada uma. A Igreja do Evangelho Pleno de Yoido registra 750 mil membros. A Igreja Católica nas Filipinas registra sessenta milhões de membros e estima ter 120 milhões em meados do século.

O que distingue esses cristãos, escreve Philip Jenkins, é que eles mergulham no mundo da Bíblia a um ponto que nem os cristãos ocidentais devotos o fazem. Para os pobres em todo o mundo, o ambiente social da Bíblia é muito familiar. Eles também vivem em um mundo de dificuldades, pobreza, agiotas e excluídos. Os temas do exílio e da perseguição encontram eco neles. O mal sobrenatural parece muito real para eles, e têm pouca dificuldade em entender o conceito de inferno.¹⁵ Alguns deles até esperam que os milagres dos tempos antigos sejam testemunhados durante sua vida. Lembro-me de um pregador africano que visitava uma igreja que eu freqüentava na Virgínia do Norte. Ele insistia em que, por meio da graça de Deus, havia realizado inúmeras curas. Quando um dos pastores assistentes olhou para ele um pouco cético, ele apontou para a Bíblia e disse: “Jovem, há uma grande diferença entre mim e você. Está vendo este livro aqui? Eu acredito nele!”

O Cristianismo no Terceiro Mundo está vindo até nós. A Coreia do Sul tornou-se a segunda maior fonte do mundo de missioná-

rios cristãos, com 12 mil deles pregando a fé fora do país. Apenas os Estados Unidos enviam mais missionários para outros países.¹⁶ Talvez estejamos testemunhando o começo de uma surpreendente inversão. Houve um tempo em que os missionários cristãos iam aos continentes distantes da África e da Ásia, ministros brancos de túnicas anunciando a Bíblia para pessoas pardas e negras de olhos arregalados e que não os compreendiam. No futuro, é bem possível que vejamos missionários negros e pardos proclamarem a Bíblia no Ocidente para pessoas brancas de olhos arregalados que não compreenderão o que ouvem.

Podemos pensar que essa pregação irá cair em ouvidos avessos. Mas não tenho tanta certeza. O *Washington Post* registra que existem 150 igrejas na Dinamarca e mais de 250 na Grã-Bretanha, pastoreadas por estrangeiros como “parte da crescente tendência que é a vinda de pregadores provenientes de países em desenvolvimento para a Europa Ocidental”. Stendor Johansen, um capitão de navio dinamarquês, parece refletir os sentimentos de muitos europeus que estão se unindo às novas congregações. “A igreja na Dinamarca é entediante”, confessa. “Eu me sinto cheio de energia só depois que saio de um desses cultos.”¹⁷ Se mais pessoas vierem a partilhar desses sentimentos, então a secularização poderá, por fim, ser revertida até na Europa.

Peter Berger escreve sobre o que chama de “mito da secularização”, enfatizando que tal tese — uma pretensamente inevitável secularização — perdeu sua credibilidade. Na verdade, a tese parece ter o mesmo fim de deuses hoje esquecidos, como Zeus e Baal. A obra de Berger mostra a razão para isso. Por fim, a secularização poderá ser revertida até na Europa.

Berger afirma que a modernização ajuda as pessoas a vencerem uma necessidade, mas também produz uma profunda crise de propósitos na vida moderna. Quanto maiores os efeitos da modernização, mais fortes são a ansiedade social e o esforço por “algo mais”. Como diz Wolfhard Pannenberg, “a própria cultura secular produz uma profunda necessidade de sentido na vida e, portanto, também da reli-

gião”.¹⁸ Talvez essa religião não assuma a mesma forma que na Nigéria ou na Coréia, mas é a religião tradicional de qualquer modo, não menos vital por ter-se adaptado a novas circunstâncias. É muito possível que um Cristianismo renovado melhore a vida moderna por corrigir algumas de suas deficiências e refrear alguns de seus excessos.

Descobri que isso é verdade em minha própria vida. Sou natural da Índia, e meus antepassados se converteram ao Cristianismo graças a missionários portugueses. (Como estavam em plena Inquisição Portuguesa, é possível que o processo também tenha incluído força e intimidação.) Quando cheguei aos Estados Unidos como estudante, em 1978, meu Cristianismo era apenas uma questão de herança familiar e de hábito. Mas, conforme eu mergulhava na vida moderna dos Estados Unidos, minha fé aos poucos foi-se aprofundando. G. K. Chesterton chama isso de “levante pela ortodoxia”. Como Chesterton, eu me vejo rebelando-me contra o secularismo extremo e encontrando no Cristianismo algumas respostas extraordinárias para inquietações intelectuais e práticas. Por isso, sou grato àqueles inquisidores severos por me trazerem à esfera de influência do Cristianismo, mesmo tendo certeza de que meus antepassados não partilhariam de meu entusiasmo. Meu Cristianismo é contracultural no sentido de que se opõe às fortes tendências da cultura ocidental moderna. Contudo, é radicalmente moderno no sentido de que discute questões e necessidades geradas pela vida nessa cultura. Não sei como eu poderia viver bem sem ele.

No final, no entanto, minha história não tem muita importância, e nem importa se o Ocidente vai retornar ao Cristianismo. Talvez os cristãos não-ocidentais irão converter os não-cristãos ocidentais, talvez não. De qualquer modo, eles são o futuro, eles o conhecem, e agora nós o conhecemos também. O Cristianismo pode vir em uma roupagem diferente do que teve nos últimos séculos, mas está vencendo o secularismo. O futuro é sempre imprevisível, mas uma tendência parece clara: Deus é o futuro, e o ateísmo já está de saída.